

---

# Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do *cluster* de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2<sup>1</sup>

RUI BOAVENTURA<sup>2</sup>

## R E S U M O

Mais do que olhar para uma dispersão de pontos, procura verificar-se na região de Monforte possíveis contemporaneidades entre os espaços dos vivos e dos mortos. Como exemplo utiliza-se o *cluster* de Rabuje onde recentes trabalhos permitiram verificar uma possível evolução dentro do mesmo espaço sagrado e possível povoamento associado, nomeadamente Moreiros 2.

## A B S T R A C T

More than just looking at a spread of dots, the aim of this presentation is to verify, in the region of Monforte, possible contemporaneities between the spaces of the living and of the dead. In this case, the example of the cluster of Rabuje is used and where recent works allowed, verifying an evolution within the same sacred space and eventual associated settlement, namely Moreiros 2.

### 1. Do geral para o particular: o *cluster* de Rabuje

O megalitismo funerário (e também menírico) do Distrito de Portalegre/Norte Alentejo tem sido tratado em mapas com pontos (por ex. Oliveira e Oliveira, 2000, Est. I). Apesar de facilitar a percepção da presença/ausência destas construções no território, esses mapas originaram uma imagem plasmada e distorcida de uma realidade que perdurou por quase 2000 anos, densificando algo que só se terá registado em momentos finais desse período (Fig. 1a). Outra lacuna presente nestas abordagens é a correlação entre os sepulcros e os habitats dos seus construtores (por ex. Oliveira, 1997, 2000, Est. III<sup>3</sup>), algo que poderá ser explicado pela falta/dificuldade de prospecção ou por uma simples escolha metodológica.

Outro autor (Parreira, 1996) procurou compreender as relações entre as necrópoles e os habitats na área das antas de “Crato/Nisa”, propondo alguns *case studies*, nos quais se registavam uma proximidade espacial entre as duas realidades, nomeadamente os agrupamentos de Crucieira, Taliscas e Espadaneira (Parreira, 1996, mapa I, figs. 7 e 9). Contudo, sem dados cronológicos claros atribuíveis para os sepulcros e habitats, essa tentativa significou apenas um exercício teórico para ser continuado e eventualmente demonstrado. Mas algumas pistas ficaram: uma diversidade das implantações e das arquitecturas dos sepulcros agrupados.

Assumindo a dificuldade de se poder adscriver com um grau de certeza elevado sepulcro/s a um determinado habitat/s, julgo que, mesmo assim, é um exercício que deverá ser tentado e reproduzido, sobretudo quando baseado em compilações actualizadas de velhos e novos dados, de preferência com detalhadas seriações crono-culturais. O caso presente procura ensaiar esse rumo.

Entre 1995 e 2001, com o desenvolvimento do projecto “As comunidades pré-históricas dos IV e III milénios na região de Monforte” (COMONPH), que se centra na bacia superior da Ribeira Grande, tributária do rio Tejo, na área sul do Alentejo Norte, em transição para o Alentejo Central, procurou conhecer-se melhor as ocupações deste período (Lopes e Boaventura, 1997), permitindo registar várias dezenas de sepulcros<sup>4</sup>, bem como outras tantas manchas de ocupação humana, algumas delas passíveis de serem classificadas como povoado (Mapa 1). Desse inventário produziu-se uma primeira abordagem centrada no povoado do Pombal e área envolvente (Boaventura, 2001), na qual se situa o *cluster*<sup>5</sup> de Rabuje, bem como a identificação do povoado com fossos de Moreiros 2 (Mapa 1, J).

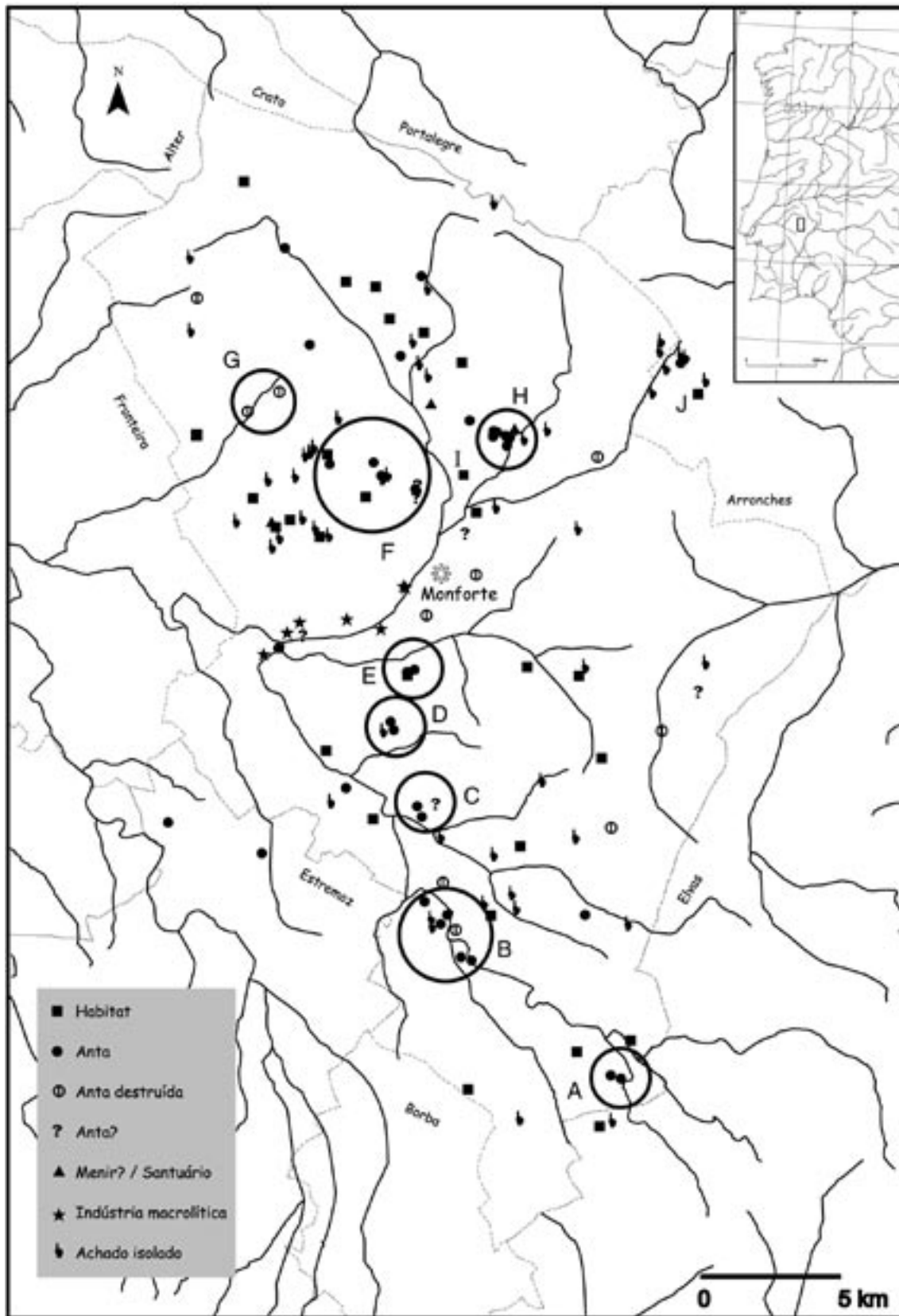
Uma primeira análise da distribuição dos achados até 2004, ainda com o estudo a decorrer, parece evidenciar uma separação nítida entre implantações de sepulcros e habitats, ainda que com excepções. No entanto, essas excepções poderiam ser explicadas como locais de habitat breve, resultantes de períodos da construção dos próprios sepulcros ou de momentos cerimoniais relacionados com o culto aos mortos e, quando os artefactos o permitam dizer, com momentos de uso/ocupação não contemporâneos<sup>6</sup>. Uma outra hipótese poderia resolver o mistério de primeiras inumações, que teriam sido realizadas em estacaria junto aos sepulcros e das quais teríamos vestígios confundidos com habitats.

Perante a realidade actualmente referenciada, alguns sepulcros aparentam uma organização em *cluster* (Mapa 1), casos de Torre do Curvo (A), Peral-Meada (B), Carrajola (C), Enxara de Cima (D), Vale de Romeiras (E), Lacrau-Santo António (F), Danta (G), Rabuje (H), Arneiros e Poclilgais<sup>7</sup>, pontuando linhas de cumeeada sobranceiros a vales largos, ou em pontos de atravessamento destes. Outros sepulcros, seguindo implantações semelhantes, surgem tão afastados entre si que é difícil agrupá-los — neste caso perante a plausibilidade de uma evidência truncada restará sempre a dúvida de que poderiam pertencer a desaparecidos agrupamentos. Todavia, em ambas as situações as suas implantações parecem relacionar-se com vias naturais através das quais, possivelmente, passariam algumas rotas de transumância (Boaventura, 2001, p. 67).

Os dados acerca das antas de Monforte provêm essencialmente dos sepulcros do tipo clássico — grandes sepulcros de câmara poligonal com 7 esteios e corredor — desconhecendo-se os conteúdos dos jazigos de menores dimensões e arquitectura diversa. Assim, além do estudo global da região, a abordagem sistemática de um agrupamento com diversos tipos de sepulcros revelava-se importante, sobretudo onde apenas os grupos de Torre do Curvo e Peral-Meada haviam sido alvo de publicação (Viana e Deus, 1955-57 e 1957; Leisner e Leisner, 1959, p. 48).

Até o início do projecto COMONPH apenas se tinha notícia genérica que apontava para a existência de uma anta em Rabuje (Vasconcelos, 1927-1929, p. 199; Leisner e Leisner, 1959, p. 47).

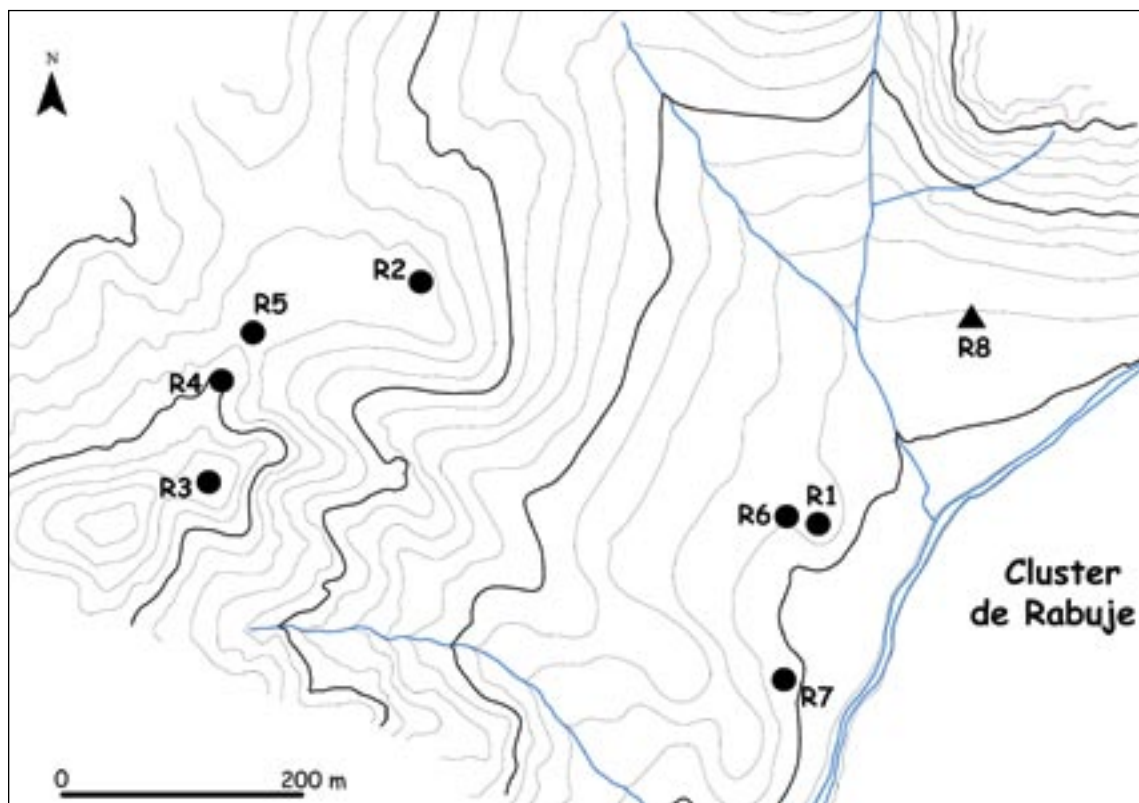




Mapa 1 Vestígios da região de Monforte atribuíveis aos IV-III milénios a.n.e.

J. I. Silva (1989) e A. Diegues (informação pessoal) deram-nos a conhecer as antas de Rabuje 1 (R1) e 2 (R2), às quais se adicionaram Rabuje 3 (R3), 4 (R4) e 5 (R5), detectadas durante as prospecções realizadas posteriormente. A informação pessoal de Francisco Crescêncio levou à identificação da possível anta de Rabuje 6 (R6) e durante a recolha de amostras geológicas com Brynn Bemis registámos a anta de Rabuje 7 (R7) e o afloramento com covinhas de Rabuje 8 (R8). Finalmente, recolhemos diversos achados isolados na área deste *cluster*, dos quais Rabuje 9 (R9) poderá indiciar algum tipo de habitat. Depois de trabalhos pontuais nos primeiros anos (Boaventura, 1999-2000, 2000), o *cluster* de Rabuje tem sido alvo de um programa de intervenções desde 2002<sup>8</sup>, no âmbito do projecto sequela titulado “As Comunidades Megalíticas do Norte Alentejo” (COMUNAL).

O *cluster* de Rabuje (Mapa 2) é hoje constituído por 7 sepulcros, dois com câmara de 7 esteios e corredor, R1 e R2 (Fig. 1b e 1c), construídos com ortóstatos de granito e com evidências de prolongamentos em lajes de xisto no início dos seus corredores. R6 e R7 seriam pequenos jazigos com lajes de xisto, apesar de ainda não ser possível vislumbrar integralmente as suas plantas. R4 apresenta uma planta com câmara de 7 esteios e corredor, ainda que a transição para este aparente ser pouco marcada (Fig. 2a). Curiosamente, o esteio de cabeceira é de xisto, os restantes da câmara em granito e os do corredor em xisto. R5 apresenta uma planta rectangular com 7 esteios e corredor desalinhado (Fig. 2b), pressupondo-se um acrescento posterior a uma câmara inicialmente de formato cistóide. R3 revelou-se um sepulcro pequeno com planta de câmara poligonal (Fig. 2c), com um esteio de cabeceira em granito e os restantes em xisto e um curto corredor também em xisto. Finalmente, R8, apresenta um afloramento granítico de formato ovalado (Fig. 2d), onde se detecou um conjunto com várias dezenas de covinhas semelhantes a outras registadas nos chapéus e tampas de R1 (Fig. 2e) e R2. Curiosamente a sua forma, salientando-se no terreno, assemelha-se a



Mapa 2 Os sepulcros e o afloramento com covinhas do *cluster* de Rabuje. R3 numa cota aproximada de 286,30 m.

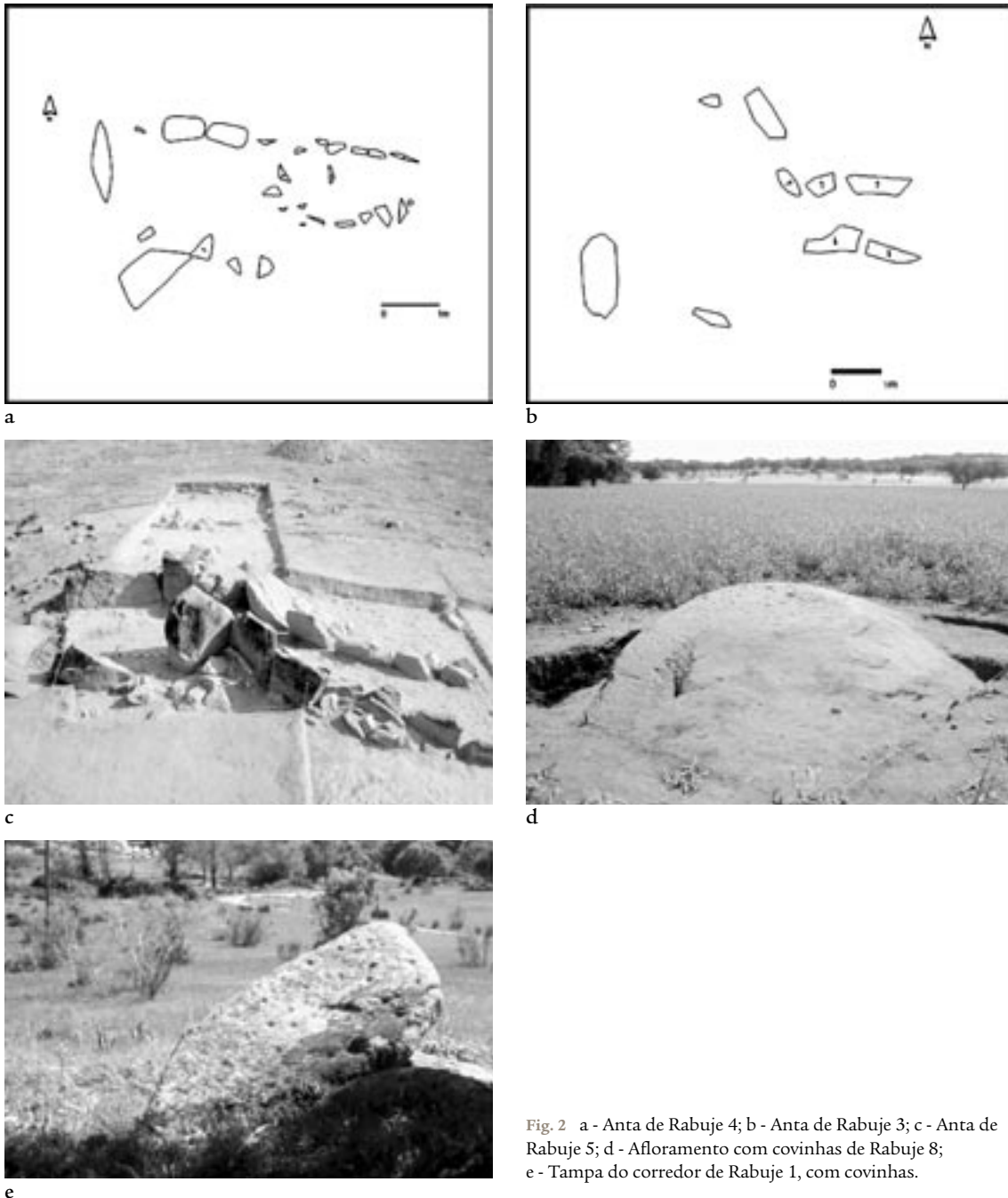


Fig. 2 a - Anta de Rabuje 4; b - Anta de Rabuje 3; c - Anta de Rabuje 5; d - Afloramento com covinhas de Rabuje 8; e - Tampa do corredor de Rabuje 1, com covinhas.

um chapéu de uma câmara megalítica e cuja mamoa estivesse em processo de erosão, o que julgo ser pertinente, pois este sítio localiza-se na área do *cluster* onde se registam também os referidos casos em duas das suas antas.

As intervenções nos sepulcros de R5 e R3 permitiram a recolha de dados crono-culturais importantes, o que, infelizmente, não foi tão claro junto ao afloramento de R8<sup>9</sup>.

O espólio do sepulcro de R5 resume-se essencialmente a um conjunto de 9 geométricos (Fig. 3a), 3 crescentes e os restantes trapézios, todos em sílex, uma provável ponta de projectil em quartzo, algumas lamelas e lascas trabalhadas. Do lado norte, no limite da mamoa, recolheu-se ainda outros materiais, de que se destaca uma enxó e um machado em anfíbolito com secções ovaladas, nos quais

apenas os respectivos gumes receberam polimento muito limitado e o restante corpo foi picotado ou deixado com a sua clivagem original. A este conjunto de aspecto arcaico, junta-se ainda a datação por  $^{14}\text{C}$  de um carvão (R5(02)33-U33) de *Arbutus unedo* L. – medronheiro (Queiroz, 2003), recolhido sob um esteio semitombado e afastado para a construção do corredor, a qual forneceu um intervalo de tempo, a 2 sigma, de 3620-3350 a.n.e.<sup>10</sup>.

O sepulcro de R3, localizado a cerca de 100 m de R5 e a 60 m de R4 (que se situa entre os dois primeiros) apresentava a sua câmara bastante mexida, tendo resultado inclusive na deslocação do esteio de cabeceira. Ainda assim foi possível recolher algum espólio caracterizador, nomeadamente pontas de seta de bases recta e convexa (Fig. 3b), uma ponta de lança (Fig. 3c), uma lâmina não reto-cada em sílex e fragmento de outra em chert, pequena raspadeira sobre lasca, várias lamelas, núcleo de lamelas, enxós e machados de secções poligonais, com polimentos no gume, contas discoidais de xisto, e uma placa de xisto, quebrada e sem o topo (Fig. 3d). A cerâmica apresentava-se muito fragmentada, mas ainda é possível reconstituir algumas taças pequenas e vasos hemisféricos. Por fim, junto a R8 procurou detectar-se materiais passíveis de algum tipo de associação com as covinhas, mas os resultados limitaram-se a alguns fragmentos de percutores e lascas em quartzo.



Fig. 3 a - R5, geométricos; b - R3, pontas de seta e raspadeira; c - R3, ponta de lança; d - R3, ídolo-placa.

Face aos dados obtidos até o momento começa a ser possível propor uma leitura menos plasmada do *cluster* de Rabuje, inclusive refutando ideias anteriormente adiantadas (Boaventura, 1999-2000 e 2000), referentes à antiguidade de R1 e R2 face a R5. Nesse sentido ia também a proposta relativa à proveniência geológica dos blocos utilizados na construção dos vários sepulcros, na qual se apontava um preferência inicial pelo granito, optando-se pelo xisto num momento tardio, denunciando uma possível fraqueza na coesão social das comunidades construtoras. Contudo, a proximidade de recursos é um facto que se mantém, independentemente da atribuição cronológica individual.

Assim, R5 apresenta-se, até o momento, como o sepulcro com a cronologia mais recuada, provavelmente construído nos últimos séculos da primeira metade do IV milénio. Pelas características do espólio de R3 é possível admitir para este sepulcro um momento da primeira metade do III milénio. Finalmente, R1 e R2, parecem apresentar-se como sepulcros clássicos, portanto enquadráveis em finais do IV, princípios do III milénio. No entanto, os aparentes acrescentos em R1 e R2 colocam a possibilidade de reformulações arquitectónicas e eventuais reusos em continuidade temporal, o que não foi detectado em R5.

Pelo exposto atrás é possível aplicar ao *cluster* de Rabuje um modelo evolucionista, nomeadamente de C. Silva (1987) e J. Oliveira (1997), ainda que, enquanto hipótese de trabalho, mesmo que transitória, pareça verificar-se uma evolução cíclica (Simples-Complexo-Simples). Inicialmente construiu-se um pequeno sepulcro em xisto (R5). Entretanto, a organização da/s comunidade/s construtora/s permitiu a elaboração de estruturas em granito de maiores dimensões e mais complexas, mas numa fase aparentemente final deste *cluster* constroem-se novamente pequenos jazigos, com xisto e algum granito. Todavia, aquilo que inicialmente era um sepulcro isolado transformou-se num colectivo de sepulcros, podendo admitir-se fenómenos de necropolização do espaço e, simultaneamente, de monumentalização de alguns dos jazigos (R1 e R2), de acordo com as ideias expressas por V. Jorge (1986).

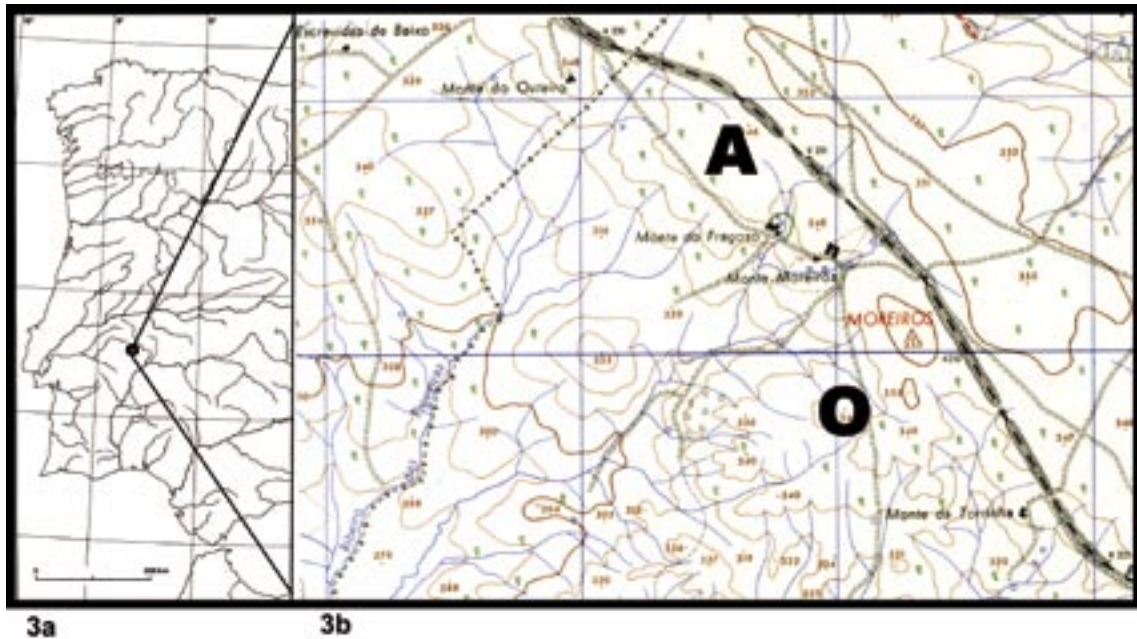
Os vestígios de habitat nas imediações, correlacionáveis com o *cluster*, limitam-se ainda a diversos achados isolados, talvez confirmando as suspeitas apontadas para outros conjuntos sepulcrais. Mas dois povoados destacam-se na envolvente: Padre João (Mapa 1: I) e Moreiros 2 (Mapa 1: J). Se a informação do primeiro é ainda cronologicamente difusa, os dados obtidos no segundo permitem pelo menos admitir uma coexistência na segunda metade do IV milénio. Contudo, a distância de cerca de 6 km entre as duas realidades torna difícil admitir uma relação física directa, pelo que Padre João (a cerca de 2 km) continua a ser a hipótese mais plausível.

## 2. Moreiros 2: um povoado com fossos dos construtores de antas?

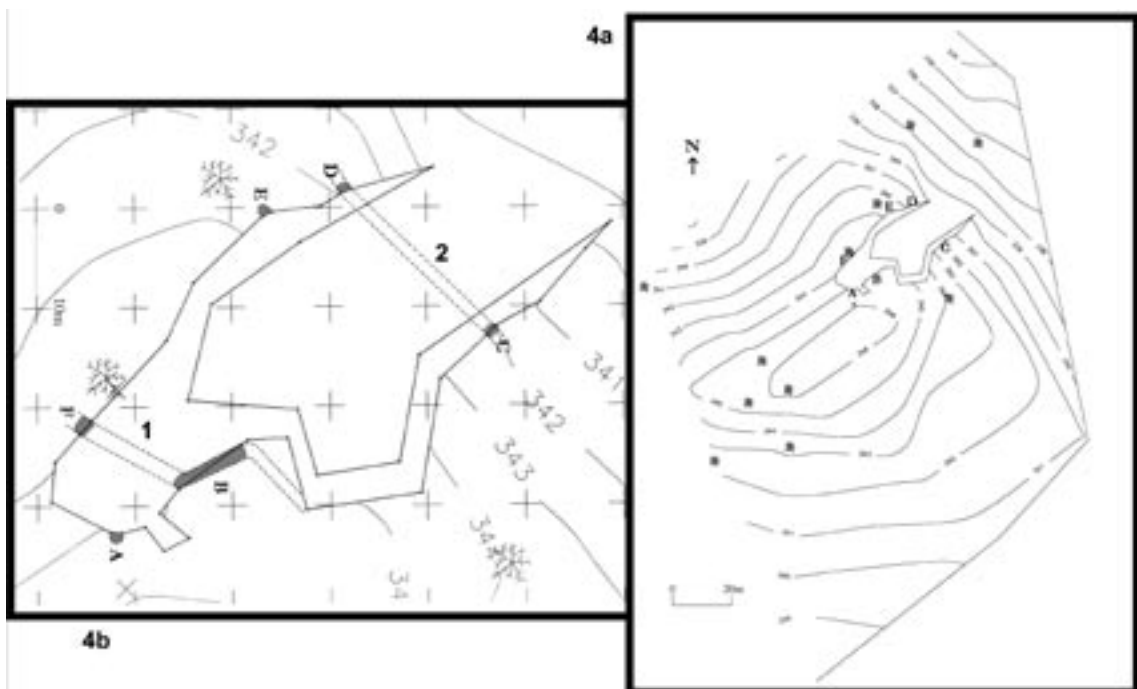
O povoado de Moreiros 2 localiza-se na Herdade dos Moreiros, freguesia da Assunção, concelho de Arronches, distrito de Portalegre (Mapa 3a e 3b) e foi identificado em prospecção no Verão de 1998 no âmbito do projecto COMONPH (Lopes e Boaventura, 1997). O sítio implanta-se no topo aplanado e desimpedido de um pequeno relevo de encostas suaves (Mapas 3b e 4a) com um substrato rochoso granítico alterado, a poucas centenas de metros de uma portentosa nascente. A visibilidade para e a partir deste local é limitada a poucas centenas de metros por relevos superiores ou semelhantes àquele, alongando-se apenas um pouco mais para noroeste, curiosamente onde, a cerca de 1 km, se localiza a única anta conhecida na envolvente imediata, Frago 1.

Os primeiros vestígios do habitat limitavam-se a inúmeros percutores e alguns elementos de moagem no topo e encosta sul. Contudo, devido à extracção de saibro granítico na encosta norte





Mapa 3 a: Moreiros 2 na Península Ibérica (adaptado de Gonçalves, 1989); b: Moreiros 2 (O) e anta de Frago 1 (A) na Carta Militar de Portugal, folha 385.



Mapa 4 a: Área provável do povoado de Moreiros 2; b: Área do corte para extracção do saibro, estruturas negativas e possível traçado dos fossos 1 e 2.

(Fig. 4a e 4b), que cortou e raspou uma porção significativa (cerca de 1/6) da área do sítio, tornaram-se visíveis nas secções do desaterro e superfície circundante inúmeros vestígios materiais, bem como várias estruturas negativas do tipo fosso e fossa (Mapas 4a e 4b).

As duas intervenções de emergência realizadas em 1998<sup>11</sup> e 1999<sup>12</sup>, essencialmente trabalhos de limpeza aprofundada nas secções das estruturas negativas, permitiram confirmar a existência



a



b



c



d



e



f

Fig. 4 Moreiros 2 - a: Remoção do saibro; b: Início da intervenção de 1998, no ponto B; c: Plano final do fosso 1 (ponto B); d: Secção final do ponto B; e: Ídolo com cornos e perfuração centralizada por incisões laterais; f: Ídolo com cornos e perfuração centralizada por incisões laterais, surgindo ungulações numa das protuberâncias.

de prováveis fossas (pontos A e E) bem como duas linhas “paralelas” de fossos com um traçado sinuoso (pontos B e C, prolongando-se para F e D respectivamente - Mapa 4b, Fig. 4b, 4c e 4d). Estes fossos, designados Fosso 1 (B-F) e Fosso 2 (C-D), apresentam nos troços estudados as suas secções com formatos distintos, nomeadamente em U e em V, mas isso poderá resultar apenas de um constrangimento pontual do substrato rochoso.

A presença de recipientes cerâmicos carenados é aparentemente maioritária face a peças com bordos espessados, surgindo estes últimos nos estratos superficiais. A decoração é minoritária nos recipientes, recorrendo-se à incisão, impressão e aplicações plásticas (nomeadamente triângulos invertidos preenchidos a pontilhado, incisões lineares aleatórias, penteados, espinhados, pontilhados, mamilos sub cónicos e alongados, alguns com perfurações e cordões plásticos verticais).

Em menor quantidade registam-se fragmentos de colher, cinchos e alguns elementos de tear (placas e 1 crescente).

Outro conjunto cerâmico, de carácter ideotécnico, é o dos “ídolos com cornos” com cerca de 3 dezenas de fragmentos, alguns quase completos, mas a maioria não decorados. Os que apresentam decoração, apresentam-na incisa imitando tatuagens faciais (?) ou num caso, unguiações numa das protuberâncias (Figs. 4e 4f).

Outros traços do simbólico resumem-se a pequenas lascas de xisto ardoso de ídolos-placa, com a típica decoração em linhas cruzadas. Estas lascas associadas a outras mais rudes parecem apontar para sinais de produção destas peças no povoado.

A indústria de pedra lascada está presente, apontando-se uma preparação de artefactos no povoado, sobretudo sobre quartzo leitoso e cristal de rocha. No entanto, é também possível apontar trabalho semelhante com o sílex, registando-se lascas de descorticagem e produtos acabados. As lamelas e lascas lamelares são numerosas quando comparadas com o reduzido número de lâminas. As pontas de seta resumem-se a cerca de uma dezena (com bases recta, côncava e triangular), produzidas em matérias-primas diversificadas (sílex, quartzo hialino, quartzo e xisto).

A pedra polida recolhida não é abundante resumindo-se a dois machados e uma enxó com secções poligonais e algumas lascas perdidas de outras peças.

O número de percutores é apreciável, ainda que a recolha de superfície inicial deva ser um factor a considerar na avaliação. Os elementos de moagem registam-se mas em quantidade reduzida.

As duas linhas sinuosas de fossos apresentam semelhanças com sítios como Santa Vitória, Campo Maior (Dias, 1996) ou Águas Frias, Alandroal (Calado, 2004), tornando-se Moreiros 2, um dos povoados com fossos conhecido mais setentrional<sup>13</sup>, juntamente com Pombal (Boaventura, 2001), ainda que este último pareça prolongar-se por uma cronologia mais recente. Este registo talvez reforce a ideia de que a região de Monforte se localizaria num espaço limítrofe entre realidades culturais mais coesas, nomeadamente entre as áreas do Alentejo central e do Guadiana, a Sul e Sudeste, e do Crato-Nisa, a Norte.

Face ao material exumado e ao tipo de estruturas registadas julgo estarmos perante um povoado com uma fundação atribuível a momentos antigos do Neolítico final, eventualmente de meados do IV Milénio a.n.e. e perdurando até finais deste, o que também parece ocorrer com o povoado de Juromenha 1 (Alandroal), com características idênticas, onde se obtiveram datações por <sup>14</sup>C de meados e finais do IV milénio para contextos de enchimento dos fossos (informação pessoal de M. Calado).

Perante os dados conhecidos para alguns sepulcros da região, nomeadamente no *cluster* de Rabuje, referido acima, é possível verificar que estes foram contemporâneos em determinado momento dos habitantes deste povoado. Contudo, para além da anta de Fragoso 1, geográfica-

mente muito próxima (a cerca de 1 km), as restantes situam-se a mais de 4 km de distância (por ex. Rabuje), o que coloca um conjunto de novas questões para a relação mental e espacial entre o mundo dos vivos e o dos mortos, durante este período.

### 3. Conclusão?

Julgo que o exposto necessita ainda de mais dados e outros projectos monográficos semelhantes, de forma a colmatar os muitos vazios ainda existentes no Norte Alentejo. No entanto, até melhor documentação, parece admissível a existência de um distanciamento entre o mundo dos mortos e dos vivos, pelo menos na região de Monforte. Talvez isso possa ser uma das explicações para o largo período de utilização do espaço necropolizado, enquanto espaço sagrado dos antepassados, aparentemente em continuidade. Simultaneamente, o tipo de matéria-prima escolhida para os sepulcros e as suas respectivas dimensões, bem como as estruturas habitacionais em terra, poderão reflectir momentos de maior e menor coesão social das comunidades que por ali viveram e construíram aqueles espaços.

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Fusão da comunicação e do poster apresentados nas 3<sup>as</sup> *Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano, Fronteira*, 13 a 16 de Abril, 2005.
- <sup>2</sup> Adjunct lecturer, University of Louisville (USA):  
rui.boaventura@louisville.edu
- <sup>3</sup> São apontados num mapa genérico e mencionados brevemente no texto.
- <sup>4</sup> Curiosamente a análise dos dados de Carlos Ribeiro e Nery Delgado (Neto, 1976-1977; Lopes, 1993) permitiu verificar que boa parte dos sepulcros de Elvas, Vila Viçosa, Monforte e Fronteira foram sinalizados já no século XIX.
- <sup>5</sup> *Cluster* = palavra inglesa significando aglomerado, grupo (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2005), utilizado neste contexto pela ideia corrente de um agrupamento heterogéneo de elementos, cereais do tipo *cluster*, *cluster* de empresas de vários tipos e dimensões, etc.
- <sup>6</sup> Conceito condicionado pelas cronologias alargadas possíveis para estes períodos.
- <sup>7</sup> Para os dois últimos conjuntos ver Boaventura, 2001, Mapa 5.
- <sup>8</sup> As intervenções no *cluster* de Rabuje (2002-2004) foram realizadas no âmbito do "Archaeological Field School" da *University of Louisville (Kentucky, USA)*, e contou com o apoio logístico da Fundação Cidade de Ammaia (2002-2003) e da Junta de Freguesia de Monforte (2004).
- <sup>9</sup> Estudo monográfico em preparação.
- <sup>10</sup> A apresentação e discussão desta data será efectuada no estudo monográfico.
- <sup>11</sup> Intervenção de R. Boaventura e C. Lopes (COMONPH) com o apoio logístico da Câmara Municipal de Arronches (C.M.A.).
- <sup>12</sup> Intervenção realizada pelo IPA-Crato com o apoio logístico da C.M.A.
- <sup>13</sup> O incremento das prospecções nos territórios Norte do Alentejo, focando este período, poderá alterar esta assumpção.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAVENTURA, R. (1999-2000) - A proveniência geológica das antas de Rabuje (Monforte, Alentejo). *Ibn Maruan*. Marvão: Colibri, 9-10, 303-310.
- BOAVENTURA, R. (2000) - A geologia das antas de Rabuje (Monforte, Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 15-23.
- BOAVENTURA, R. (2001) - *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CALADO, M. (2004) - *Menires do Alentejo Central*. Tese de Doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- DIAS, A. C. (1996) - *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Sta. Vitória*. Mestrado em Arqueologia. Porto: Universidade Clássica do Porto: Faculdade de Letras. Policopiado.
- JORGE, V. O. (1986) - «Monumentalização» e «Necropolização» no Megalitismo europeu. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 26:1-4, p. 233-237.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter.

- LOPES, C.; BOAVENTURA, R. (1997) - O povoamento pré-histórico dos 4º - 3º milénios na região [de] Monforte: o estado da questão. In *II Congreso de Arqueología Peninsular, Zamora, Set. 24-27 1996. Vol. 2 (Neolítico, Calcolítico y Bronce)*. Zamora: Fundación Rey Afonso Henriques, p. 381-387.
- NETO, M. C. S. (1976-1977) - Notícias inéditas sobre dolmens em Portugal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 99-107.
- OLIVEIRA, C.; OLIVEIRA, J. (2000) - Continuidade e rupturas do Megalitismo no distrito de Portalegre. In *3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vila Real: Actas: Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, Vol. 3, p. 459-471.
- OLIVEIRA, J. (1997) - *Monumentos megalíticos da bacia do rio Sever*. vol. 1. Marvão. *Ibn-Maruan*. Marvão. N.º especial.
- OLIVEIRA, J. (2000) - Economia e sociedade dos construtores de megálitos da bacia do Sever. In *III Congresso de Arqueologia Peninsular, Vila Real: Actas: Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, Vol. 3, p. 429-444.
- PARREIRA, R. (1996) - *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo): Contribuição para o registo das antas portuguesas*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2 vol.
- QUEIROZ, P. F. (2003) - *Identificação de um fragmento de carvão recolhido na anta 5 de Rabuje, Monforte, Portalegre*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos do CIPA; 54).
- SERVIÇO CARTOGRÁFICO DO EXÉRCITO (1970) - *Carta Militar de Portugal: Folha 385: 1: 25.000*.
- SILVA, C. T. (1987) - Megalitismo do Alentejo Ocidental e do Sul do Baixo Alentejo (Portugal). In *El Megalitismo en la Península Ibérica*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILVA, J. I. (1989) - *Estudo da ocupação humana nas freguesias de Monforte e Vaiamonte: projecto de estudo. Vol. 2*. Trabalho de Seminário de Arqueologia: Universidade Lusíada. Policopiado. IPA - Proc. nº 92/1(163).
- VASCONCELOS, J. L. (1927-1929) - Antiguidades do Alentejo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 28, p. 199.
- VIANA, A.; DEUS, A. D. (1955-1957) - Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. Nova série. 15:3-4, p. 143-189.
- VIANA, A.; DEUS, A. D. (1957) - Mais alguns dólmenes da região de Elvas (Portugal). In *Congreso Nacional de Arqueologia, 4, Burgos, 1955*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos Arqueológicos Nacionales, p. 89-100.

